



FAMÍLIA E HOMOSSEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOFRIDA POR JOVENS HOMOSSEXUAIS

Thiago Barcelos Soliva¹

Esta investigação objetiva problematizar a violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. Para tanto, foram realizadas 20 entrevistas entre 06 de dezembro de 2006 e 22 de junho de 2007, essas entrevistas tiveram duração média de uma hora cada com algumas variações pontuais. A maioria desses jovens pertenciam a uma mesma rede social que tivemos acesso. As outras entrevistas resultaram de indicações feitas pelos que já haviam sido solicitados a conceder entrevista anteriormente. Tendo como eixo central às experiências de violência, entendidas como expressões da discriminação e exclusão, com particular interesse naquelas que se relacionam com a família, essas entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas.

Família, homossexualidade e violência

A homossexualidade quando descoberta pelos familiares torna-se um grave problema enfrentado pelo conjunto dos jovens que entrevistamos. Muitas são as experiências frustradas que se inscrevem na relação filho (a) gay/família, dificultando sobremaneira a ação política de assumir a homossexualidade no grupo doméstico. Essas famílias não conseguem proporcionar a esses jovens uma sensação de acolhimento que convencionalmente essa instituição deveria gerar. As agressões, ameaças e outros tantos tipos de violência comunicam a intolerância, frustração e medos que esses familiares, comumente, exteriorizam quando se deparam com a possível existência de um filho homossexual.

Muitas vezes, tal como sinaliza Sarti (2004) essa dificuldade também pode estar relacionada com o fato dos próprios pais ou outros membros da família não se sentirem à vontade ou capazes de lidar com seus próprios medos ou “demônios” ligados a temas mais íntimos como sexualidade, por exemplo. Somado a isso, esses medos se relacionam com os projetos² individuais com os quais esses familiares tendem a projetar destinos sociais para os seus filhos. Nesse caso, sobretudo pais e mães, se deparam com a ruptura imediata dos “sonhos” que nutriam em relação ao filho. Como que se essa notícia por si só fizesse esvaecer por completo todo um roteiro de vida esperado para esses

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-IFCS-UFRJ).

² Traço aqui uma aproximação com a obra do professor Gilberto Velho (1994). Para esse autor, os projetos estão no cerne da vida social. Eles são os responsáveis pela construção da identidade.



jovens ao nascer³. Planos como netos, casamento, continuação da “casa” são abruptamente corrompidos e ameaçados. O que resta é tão somente a percepção de que precisam fazer algo para resgatar esses projetos individuais. Esse processo desencadeia fortes conflitos que fazem da “casa” um espaço marcado por medos, receios e incertezas:

(...) “ele chegou muito puto, minha mãe confirmou, enfim, foi uma puta discussão, tipo, aquelas coisas, tipo, você gosta mesmo de dar o cu, sabe, enfim, preferia que você fosse bandido, você morreu pra mim, você não é mais meu filho,(...) você tá morto pra mim”. (V.)

“Aí chegando em casa foi aquela coisa, senta aí e vamos conversar, qual é a sua? Eu quero saber, e eu joguei aberto com ele, ué você quer saber se eu sou gay, eu sou. Aí, assim, o desespero dele foi grande, ele na hora falou assim: “B. eu preferia que você me dissesse que... que era marginal, que se prostituía, que usava drogas por que tudo disso eu vi ex, mas ex gay eu não conheço e” (...) (B.)

Não raras vezes, costumamos ouvir que os pais são os primeiros a ficar sabendo, contudo os últimos a aceitem a homossexualidade de seus filhos. Com efeito, essa assertiva não está tão descolada da realidade quanto o que poderíamos supor. Afinal, são os pais que ao longo dos anos acompanham o processo de socialização dos mais jovens. Eles que observam atentamente os comportamentos, se esses correspondem ou não ao sexo ao qual pertencem. Aliás, são eles mesmos que imprimem as primeiras interdições e prescrições do tipo ideal de performance de gênero a ser seguida. Diante desses indícios o grupo doméstico tende a operar um rígido movimento de repressão baseado na autoridade familiar. Esse movimento de repressão parte de extremos que vai desde o silêncio interdito, até as formas mais marcantes de violência.

Inúmeras perguntas em forma de queixas começam a ser formuladas diante da certeza de que algo está “errado”. O critério da falta é o principal mote dessas indagações. Perguntas como: Cadê a namorada? Quando você vai namorar? Quando você vai me dar netos? São algumas das questões que emergem quando perante o fato incontornável de que o roteiro de vida desse jovem não corresponde ao roteiro de um jovem heterossexual. Essas perguntas tornam-se tão mais coercitivas quanto mais os jovens se esquivam da trajetória que lhe se impõem.

Associada a essas perguntas, encontramos a certeza de que seus desejos e aspirações não se encontram nos braços de um oposto sexual. Nessas condições, a iniciação sexual é sempre tida como um momento de afirmação desses desejos. Conversando com alguns sobre como teria sido o primeiro beijo com outro homem, alguns me revelaram que esse teria figurado como uma espécie de divisor de águas em suas vidas. Teria consolidado a certeza de que era esse o projeto de vida o qual queriam levar adiante. A primeira ida a boate ou outro local de sociabilidade gay (bares, saunas etc) é outro forte marcador para a construção de uma identidade homossexual. Quase sempre essa

³ Como cria Elizabeth Badinter (1993) em relação a rotulações dos gêneros, esses estereótipos são construídos a partir da ultrassom, diante do conhecimento pelos pais do sexo dos filhos. Daí começam os esforços de diferenciação que desemborcarão nesses projetos de vida para cada filho.



ida é feita sem o conhecimento dos pais. A partir desse momento algumas certezas vão se afirmando, o encontro com seus pares homossexuais torna-se uma constante nesses espaços. E são esses encontros que facultam a criação de redes de interdependência entre esses jovens.

Diante dessa certeza verificamos algumas estratégias que são adotadas por esses jovens para ocultar a sexualidade dos pais. Normalmente, uma das principais formas encontradas pelos informantes de reter a informação acerca de sua identidade real⁴ (GOFFMAN, 1976), mantendo assim junto a seus familiares uma atmosfera menos hostil de convivência, é o recurso ao “namoro heterossexual”. Na oportunidade, encontramos frequentemente o estabelecimento de acordos consensuais travados entre esses jovens e amigas de sua rede de amizades. Esses acordos são, via de regra, uma forma de aliviar as tensões exercidas pela família em função de um suposto comportamento homossexual perceptível nesses jovens, como podemos observar no relato abaixo:

(...) “não tinha namorada, não aparecia com namorada, arranjei pra...a cobrança era tão grande, arranjei uma amiga, pra levar pra casa, pra mostrar minha namorada, jantar, aquelas almoços gigantescos com toda a família ‘vamos conhecer a namorada do W’, depois de tanto tempo e era, finalmente a namorada do W e foi horrível, foi péssimo, foi horripilante” (...) (S.)

A “descoberta” da homossexualidade pelos pais geralmente vem acompanhada de graves tensões capazes de romper os laços de solidariedade que a família tende a amarrar. Em algumas situações, a descoberta pode ser provocada por uma atitude deliberada do filho homossexual, que se vê cercado de dúvidas numa insuportável atmosfera de incertezas. Isso pode ocorrer por esse achar que assim estará dividindo com os pais um problema que precisa compartilhar, saindo do ocultamento. Entretanto, esse “contar aos pais” pode não vir acompanhada das expectativas positivas esperadas por esses jovens, contribuindo para um aumento das tensões que se realizam na esfera doméstica.

(...) “minha mãe sabe, né, e na época ela... enfim, chorou, chegou a me agredir, né, ela falou ‘você é uma vergonha pra família’, né, ‘ah, que se você for isso mesmo, eu vou te botar pra fora, né, de casa, enfim’, né, todas aquelas ameaças, né, e eu ficava muito constrangido com aquilo” (...) (C.)

A “revelação” pode mesmo se dar por meio de uma ritualização – uma tradicional reunião de família -, na qual pais e filhos tendem a confrontar verdades.

(...) “me puxaram pelo cabresto, cheguei de um dia de trabalho comum, fui lá não sei por que, sentamos numa mesa, parecia uma reunião kardecista, todo mundo de mãos dadas, eu ‘o que é isso’, sério, horripilante” (...) (W.)

Na maioria dos casos, a ruptura com os projetos que foram laboriosamente construídos para serem encabeçados pelo filho transgressor é respondida com muita violência. A intensidade dessas

⁴ De acordo com Goffman, os indivíduos desempenham na interação social papéis sociais como se estivessem em um teatro. A identidade real seria a representação do eu individual, ou seja, o papel que realmente desempenhamos na sociedade inclusiva (GOFFMAN, 1976).



violências, bem como as suas consequências é o que procuramos conhecer de forma mais detida nas linhas que seguem.

Partiremos da definição de violência intrafamiliar oferecida por Day (2003):

Toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue (DAY ET AL, 2003, p. 10).

Essa violência pode assumir formas específicas, podendo dividir-se em violência física e psicológica. Para Day (2001), a violência física “ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumentos que possa causar lesões internas, externas ou ambas” (DAY, 2003). Podemos perceber que dentro desse quadro estão englobadas as agressões físicas e suas expressões mais marcantes, nas quais o corpo da vítima é o *locus* de ação do perpetrador.

Esse tipo de violência é recorrente entre os jovens gays, como pode ser percebido nos levantamentos produzidos por Carrara (2003, 2005, 2006) em algumas capitais brasileiras. De acordo com o autor, a agressão física aparece como forma visível de violência em cerca de 20% das respostas dos participantes. Ouvindo esses jovens, observamos que essa forma de violência esteve presente na experiência de vida de quase todos os informantes, corroborando os dados levantados por Mott e Cerqueira (2003) que mostram que as principais vítimas das ações violentas dirigidas contra gays, principalmente as agressões físicas, são pessoas jovens.

São comuns as ocasiões nas quais os familiares protagonizam cenas cruéis de violência física.

(...) “ele descobriu que estava saindo com um menino, que tinha mentido pra ele e tal, aí foi que ele me deu um soco nas costas e tal” (...) (V.)

(...) “e ela começou a me agredir, né, me bater mesmo, né, aí foi onde que me deu uma tapa na cara, né, e ela nunca tinha feito isso na vida dela, na minha criação” (...) (C.)

Essas situações são, geralmente, motivadas quando diante da certeza incontornável da homossexualidade dos filhos. Esse momento traumático é capaz de causar danos emocionais que se arrastarão por toda a trajetória de vida desses jovens, marcando profundamente sua subjetividade, bem como suas formas de inserção social.

Notamos que essas agressões são acompanhadas de fortes temores compartilhados pelos pais e demais familiares em relação à descoberta de uma sexualidade não normativa em seus filhos. Em regra, essa descoberta deflagra os sentimentos mais diversos que se concentram nos aspectos negativos que essa sexualidade considerada “suja” (DOUGLAS, 1976) pode encerrar. O malogro da



homossexualidade desperta sentimentos de difícil lida, os quais misturam medos e culpas num esforço premente de recuperação daqueles que transgridem. Tapas, socos, xingamentos, recriminações e ameaças fazem parte dessa terapêutica que visa única e exclusivamente trazer esse sujeito às raias da normalidade ocasionalmente rompida.

A violência psicológica é outro tipo de violência com marcantes ocorrências dentro das paredes da casa. Ela pode ser descrita como, "Toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa" (DAY, 2003). Sua eficácia está fortemente vinculada a qualidade das relações domésticas, ou seja, das relações mais íntimas, nas quais a violência é absorvida de forma silenciosa, causando danos catastróficos no processo de formação da subjetividade da vítima. Ela acaba por encerrar esses jovens em estados mentais marcados por profunda solidão e sofrimento psíquico, podendo desencadear situações de vulnerabilidade (uso de drogas, depressão, alcoolismo, práticas sexuais não-protetidas). Essa violência também contribui para uma percepção negativa da homossexualidade, levando esses jovens a uma sensação de não-pertencimento e, por conseguinte, isolamento social que, em casos mais extremos, poderá encontrar como solução o suicídio.

A violência psicológica é materializada pelas agressões verbais e ameaças de agressão. Uma característica marcante desse tipo de violência é a capacidade que ela possui de, pelo uso da palavra, de difundir visões de mundo, representações e sentimentos negativos que visam gerar humilhação e constrangimentos (CASTRO, 2004). Os poucos estudos disponíveis com grandes amostras de homossexuais evidenciam que esse é outro tipo de violência comum entre eles: 62,8% dos homossexuais que foram a parada gay de São Paulo em 2005 reportaram já terem sido assim vitimizados (CARRARA E COLS, 2006).

Entre os nossos entrevistados ela também foi recorrente e se manifestou de diferentes formas, como podemos ver no relato abaixo:

(...) “colocando medo em relação a AIDS, a agressão física dos vizinhos e outros amigos, então criando todos esses sistemas de freios, entendeu, para que eu não desenvolvesse minha sexualidade de forma natural” (..) (L.)

O receio de infecção pelo vírus HIV (como se essa possibilidade fosse uma realidade exclusiva para os homossexuais) é uma constante entre esses pais. Esse medo encontra apoio na ideia corrente de que os homossexuais possuem um comportamento sexual ancorado em uma dimensão hedonista liberada das preocupações com práticas sexuais protetivas. Esses temores são expressos em ações concretas como podemos observar no depoimento abaixo:

(...) “minha mãe, o máximo de contato é assim, ela vai numa farmácia e compra camisinha, até hoje ela tem esse hábito, vai na farmácia e compra meia dúzia de camisinha e coloca na minha gaveta de cuecas, é o máximo de discussão que a gente tem” (...) (T.)



Uma outra consequência desses temores se realiza nos próprios jovens, que passam a conceber as relações sexuais como riscos possíveis de exposição à doenças. Esses medos funcionam como entraves a qualquer possibilidade que possam vir a ter de se engajar em uma relação amorosa qualquer. A negação por completo da atividade sexual, mesmo as não-penetrativas é em alguns jovens um traço característico desse medo. Essa questão aparece de forma bem emblemática na entrevista de P., que nos revelou nunca ter transado por medo de pegar alguma doença. Ainda que saiba das formas concretas de contágio, bem como das formas de se proteger, esse rapaz não consegue levar a fundo nenhuma experiência sexual. Perguntado sobre isso ele nos revelou os medos advinham, “De doenças e eu acho que isso me trava muito, sabe, eu tenho vontade, mas na hora eu fico, assim, não, não vou fazer” (P.).

Outra dimensão dessa violência psicológica é aquela que se realiza por intermédio dos xingamentos. A utilização de termos altamente pejorativos e ofensivos como, viadinho, bicha, boiola, queima rosca, “baitola”, “mariquinha”, “traveco” entre tantos outros que aparecem nas classificações adotadas pela cultura sexual brasileira, tem como objetivo exclusivo realizar uma difusão de uma cultura homofóbica, que objetiva acima de tudo manter os sujeitos informados que tais práticas não devem ser aceitas, tampouco executada pelos mesmos.

Em ambas as modalidades de violência observadas o que ficou evidente foi o caráter normalizador que tendem a reproduzir. As punições (socos, pontapés, ameaças etc) são respostas-limite comumente empregadas quando se trata de “resgatar” esse jovem desse “mal em si” que a homossexualidade representa. Não suficientes para dar contra dessa empresa, a violência é em muitas das vezes acompanhada das interdições. O controle sobre as ações dos filhos é outro dado de fundamental importância na tentativa de eliminar essa sexualidade transgressora.

As interdições são componentes indispensáveis pelos quais os pais mantêm o controle social sobre a identidade sexual de seus filhos, após seu conhecimento. A suspensão do auxílio-financeiro oferecido para as despesas pessoais, ou mesmo para outros gastos decorrentes da manutenção dos estudos, nos sugerem formas de fazer valer a autoridade familiar frente a homossexualidade do filho. O caso de V. se encaixa nesse modelo de interdição, V. sempre quis fazer medicina, quando diante da descoberta dos pais passou por fortes medos de perder o acesso a escola.

(...) “eu sempre soube muito cedo que eu queria fazer medicina, tinha essa idéia na cabeça e, tipo, o medo que eu tinha é de que falavam...me ameaçavam de tirar da escola, então eu tinha medo, tipo, de sair do pré-vestibular e não conseguir passar pra aquilo que eu queria” (...) (V.)

Outra forma de exercer esse controle é infligir limites ao acesso de amigos (principalmente amigos gays) à casa. Esses limites podem se estender às relações mais amplas.



(...) “Aí ela comentando esse descontentamento, aí eu fui perguntar, ela falou que de um tempo pra cá eu só estava andando com gente fresca. Minha mãe, que tem um irmão gay, que ela não tem grandes problemas com a coisa; usa termos como gay, homossexual, não termos pejorativos. Aí, eu virei pra ela e falei: “ah, mãe, eu ando com essas pessoas por que eu tenho assunto com elas, sabe”, aí eu continuei, “Ah, mãe, eu sou como elas, sabe, não tenho problemas nenhum em andar com essas pessoas”, aí ela ficou inconformada, ficou naquela fase do ‘que foi que eu fiz de errado’” (...) (E.)

Travar conhecimento acerca das redes de sociabilidade desses jovens é um dos principais meios pelos quais esse processo pode vir a se consumir. Conversas telefônicas interceptadas, acesso não consentido a computadores, leitura não autorizada de cartas pessoais, dentre outros episódios dão início a todo um processo de investigação e, conseqüente correção que ambiciona conduzi-lo ao uma determinada normalidade.

Quanto as justificativas adotadas pelos pais, encontramos um sem-número de explicações que vão desde a autoexpição até a manifestação de medos que se relacionam a carreira homossexual. Interessante notar que em uma suposta busca de livrar os filhos das possíveis situações de violência que esses possam estar expostos no espaço da rua, ou seja, fora do domínio da proteção familiar, os pais acabam por antecipar tais violências, o que na maioria dos casos, conforme já foi exposto aqui, provoca danos ainda maiores do que quando perpetradas por outros sujeitos. Em outros termos, pela justificativa de que não quererem ver os filhos expostos a situações de violência esses pais infligem contra os mesmos um alto nível de violência. Esses medos encontram eco em representações atribuídas à homossexualidade. O conteúdo dessas representações geralmente é embasado por concepções religiosas e médicas arraigadas no imaginário social.

A percepção da homossexualidade como pecado ainda está presente na compreensão que os pais constroem da mesma. Esse entendimento está fortemente amarrado na noção corrente de que a homossexualidade transgride as leis divinas por não ter por projeto primordial a procriação. Prática hedonista, portanto exortada do convívio dos homens, a sodomia (homossexualidade), representada nos escritos sagrados como uma prática nefanda, digna das mais severas penalidades dos homens que administravam a lei de Deus vem permanentemente sendo acionada quando os pais passam a tomar conhecimento que o filho é homossexual.

(...) “eu venho de uma família muito tradicional, católica. Então, assim, toda vez que esse assunto surgia na minha casa, sempre era tratado de uma forma muito pejorativa, muito negativa, né. Então, assim, eu sempre...e assim, por amar muito os meus pais, né, tinha aquele medo de decepcionar muito grande, né”. (P.)

Supomos que o uso dessas percepções religiosas também é utilizado em uma tentativa de encontrar respaldo a suas angústias com relação à orientação sexual do filho, bem como o medo de possíveis reações que sua homossexualidade pode trazer sobre ele mesmo e sua família. Dessa maneira, é como se a família buscasse amparo em algo tido como maior, de maior credibilidade,



como a Bíblia, para reforçar a necessidade do filho homossexual em “retornar” para o caminho tido como certo, no caso aqui, a heterossexualidade.

Igualmente importantes são as representações da homossexualidade como doença. Essas estão fortemente associadas às concepções higienistas muito difundidas durante o século XIX, principalmente pela psiquiatria e medicina oitocentistas, na qual a mesma era compreendida como patologia passível de cura (TREVISAN, 1986; FRY & MACRAE, 1991; GREEN, 2000). Simultaneamente, ela é também vista como um conjunto de práticas sexuais conscientemente (mal) escolhidas por um dado indivíduo a partir de um cardápio de alternativas que inclui aquelas vistas como normais e moralmente corretas. Disso deriva a idéia que a homossexualidade é “uma safadeza”. Como podemos ver abaixo, alguns entrevistados são agredidos pela ação simultânea dessas percepções equivocadas.

(...) “meu pai achava que aquilo era doença, é convicto de que é doença, acho, meu pai achava que era doença, minha mãe achava que era safadeza, era a divergência, até discutiram se era doença ou era safadeza”. (N.)
“Foi o seguinte, tipo assim, você sempre chega em casa, eu pelo menos, dou um beijo na minha tia, dou um beijo no meu tio e tal, entendeu, minha prima também que tem dez anos e é a filha deles, e...de repente, eu chegava, minha tia chegava e não falava comigo; eu chegava e meu tio se distanciava, aí minha tia não queria mais lavar minhas roupas” (...) (V.)

Considerações finais

Essa investigação tratou da violência intrafamiliar tal como vivida por jovens homossexuais masculinos. Vimos que as relações familiares são marcadas por tensões que são reforçadas quando do reconhecimento de um filho homossexual. O reconhecimento da homossexualidade pelos familiares e, sobretudo entre eles mesmos, movimenta entre esses jovens todo um conjunto de medos que se expressam em formas concretas de violência, sofrimento psíquico e incertezas.

Várias são as estratégias que os pais empregam para contornar esse “problema”. A violência física e psicológica aparecem como modalidades de violência constantemente adotadas para esse fim. Simultaneamente, essas estratégias convivem com os sofrimentos desses jovens que se situam entre a publicização ou ocultamento da sua orientação sexual. Essas questões colocam a “casa” como espaço marcado por contradições, desconstruindo a noção corrente que faz da mesma como lugar-comum da segurança e refúgio.

Por fim, esperamos contribuir para o entendimento dessa violência pouco explorada pelos estudos de gênero no Brasil. Nossas análises buscaram dar conta de uma explicação mais detida desse grande problema social, a saber: a violência anti-gay. Confiamos ainda que com essa iniciativa mais estudos possam ser realizados nessa área pouco explorada academicamente.



Referências

- BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CARRARA, Sérgio et all. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 8º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2003*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- _____ et cols. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – São Paulo, 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.
- _____ e RAMOS, Sílvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- CASTRO, Mary. *Resignificando sexualidade, por violências, preconceitos e discriminações*. In. *Juventudes e sexualidade*. UNESCO, Brasil, 2004.
- CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DAY, Vivian Peres et al. *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*. *Revista de psiquiatria*. v. 25, suplemento 1, Abril, 2003.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Série Debates, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- FRY, Peter & MACRAE, Eduard. *O que é homossexualidade?* Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1991.
- _____ “*Da Hierarquia à Igualdade: A construção Histórica da Homossexualidade no Brasil*”. In. Para inglês ver. *Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- MOTT, Luiz e CERQUEIRA, Marcelo. *Matei por que odeio gay*. Editora Grupo Gay da Bahia, Bahia, 2003.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como ordem simbólica*. *Psicologia USP*, v.15, n.3, p.11-28, 2004.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. São Paulo: Max Limonad, 1986.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.